

A Fronteira como categoria de análise: o caso do Festival da Barranca

Natali Braga Spohr¹

Resumo

O presente texto diz respeito às reflexões socializadas na primeira edição do Seminário Integrador, realizado pela Unipampa/Campus Jaguarão e pelo IFRS/Campus Bento Gonçalves, em dezembro de 2020 e são oriundas da pesquisa em andamento para a tese de doutorado previamente intitulada “As Fronteiras do Festival da Barranca (São Borja, RS, Brasil): Gauchismo, Patrimônio Cultural e Relações de Gênero”, vinculada ao PPGH/UFSM, na qual busca-se pensar a fronteira como uma categoria de análise, tanto em sua abordagem conceitual quanto metafórica. As observações acerca do objeto de estudo suscitam questões referentes às fronteiras do Festival da Barranca no que tange ao patrimônio cultural, ao gauchismo e às relações sociais de gênero, uma vez que, almeja-se compreender: onde se encaixam aqueles que não são representados pela masculinidade? Em tempos de empoderamento feminino, como identificar-se com um espaço ou patrimônio “proibido”? E os patrimônios, que deveriam ser amplos e acessíveis, são para quem?

Palavras-chave: Fronteira; Festival da Barranca; Patrimônio Cultural; Gauchismo; Gênero.

1. Reflexões conceituais e estado da arte de Fronteira

Martins (2000) diz que a fronteira tem ao mesmo tempo a possibilidade de referência e de visibilidade, ou seja, além de delimitar, ela revela e assim, porta-se como metáfora e conceito. Ao considerarmos a fronteira física ou politicamente, tendemos a imaginar marcos demarcatórios e aduanas, já quando metafórica, a fronteira é mais sutil, relativa às diferenças sociais e culturais, no entanto, não deixa de ser discricionária.

O artigo *As muitas fronteiras do Cerro do Jarau* (2018), do professor César Guazzelli serviu de expressiva inspiração para pensar as diversas fronteiras do Festival da Barranca. Para Guazzelli há, pelo menos a possibilidade de três tipos de fronteira, uma espacial, outra textual e ainda outra que se une entre o que o autor chama de “aquela dimensão entre o verossímil e o fantástico” (GUAZZELLI, 2018, p. 229). Pela sua existência, as fronteiras possibilitam que sejam tecidas relações de engajamento e de rupturas, de entrelaçamentos e de lutas sociais e o que “se revela por detrás de todas essas fronteiras - sejam elas espaciais, religiosas, culturais ou comportamentais – é talvez a mais crua e difícil de cruzar: a de classes sociais, que separam uns e outros irremediavelmente” (Idem, p. 243).

As últimas décadas revelaram muitos trabalhos que se ocupam da fronteira como objeto de estudo, mesmo que indiretamente, haja vista que o estado do Rio Grande do Sul tem mais da metade do seu território pautado por ela. Esses trabalhos, passam a propor uma orientação historiográfica de integração do espaço fronteiriço, de entendê-lo como parte do

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal de Santa Maria – PPGH/UFSM-RS, Brasil. Atuou como professora substituta na Unipampa/Campus Jaguarão-RS, Brasil, de 2019 até 2021. E-mail: natali.bspohr@gmail.com

espaço platino. Conforme Piccolo (1997, p. 218), passa-se a compreender que a fronteira “não é uma linha, mas um espaço que se define mais por seus atributos socioeconômicos e o limite, como conceito, é essencialmente político”.

A realização do estado da arte permite que se obtenha um panorama acerca do estado atual de conhecimento ou reconhecimento de assuntos que fazem parte do tema investigado. Busca-se pensar o fenômeno em análise pelas dissertações e teses elencadas no Catálogo de Teses da CAPES, no Google Acadêmico e no Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal - RCAAP, com direcionamentos para os repositórios de universidades como o Manancial da UFSM, o LUME da UFRGS e a Plataforma Sucupira. As teses e dissertações foram escolhidas por suas delimitações temporais e espaciais, bem como pelas suas temáticas, para então serem organizadas cronologicamente a partir do descritor ou palavra-chave, fronteira.

Dentre esses estudos, destacam-se, os trabalhos de Maria Medianeira Padoin (1999), Luís Augusto Farinatti (2007) e de Mariana Thompson Flores (2007), docentes do Programa de Pós-Graduação em História-UFSM e ressalta-se que os seus estudos, elencados no quadro abaixo, preocupam-se em apresentar novas possibilidades para se pensar o espaço fronteiriço, mais regionalizadas e, portanto, mais próximas das realidades em questão. Tais investigações pioneiras servem de orientação e estímulo para a pesquisa em desenvolvimento e ainda que suas abordagens sejam distintas da qual se pretende na futura tese, são trabalhos que contribuem para justificar a pertinência em realizá-la.

Quadro 1 – Teses e Dissertações/ Palavra-chave: FRONTEIRA

- 1) JUNQUEIRA, M. A. **AO SUL DO RIO GRANDE. IMAGINANDO A AMÉRICA LATINA EM SELEÇÕES: OESTE, WILDERNESS E FRONTEIRAS (1942-1970)**' 01/03/1999 273 f. Doutorado em HISTÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: CAPH - CENTRO DE APOIO À PESQUISA EM HISTÓRIA
- 2) PADOIN, M. M. **O Federalismo no espaço fronteiriço platino. A Revolução Farroupilha (1835 - 1845)**' 01/08/1999 337 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE Biblioteca Depositária: Biblioteca Set. Ciências Sociais e Humanidades
- 3) OSÓRIO, H. **ESTANCIEIROS, LAVRADORES E COMERCIANTES NA CONSTITUIÇÃO DA ESTREMADURA PORTUGUESA NA AMÉRICA: RIO GRANDE DE SÃO PEDRO, 1737-1822**' 01/09/1999 315 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ

- 4) XAVIER, L. de O. **Fronteira Oeste Brasileira: entre o contraste e a integração.**' 01/06/2006 291 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA Biblioteca Depositária: Biblioteca central da UnB
- 5) FARINATTI, L. A. E. **CONFINS MERIDIONAIS: FAMÍLIAS DE ELITE E SOCIEDADE AGRÁRIA NA FRONTEIRA SUL DO BRASIL (1825-1865)**' 01/03/2007 421 f. Doutorado em HISTÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA MARINA SÃO PAULO DE VASCONCELLOS
- 6) FLORES, M. F. C. T. **Contrabando e contrabandistas na fronteira oeste do Rio Grande do Sul (1851-1864)**' 01/05/2007 193 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE Biblioteca Depositária: BSCSH
- 7) DIETZ, C. I. **Cenários contemporâneos da Fronteira Brasil - Argentina: as infra-estruturas estratégicas e o papel dos atores no processo de cooperação/integração transfronteiriça**' 01/04/2008 230 f. Mestrado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE Biblioteca Depositária: BSIGEO
- 8) PANIÁGUA, E. R. M. **A CONSTRUÇÃO DA ORDEM FRONTEIRIÇA: GRUPOS DE PODER E ESTRATÉGIAS ELEITORAIS NA CAMPANHA SUL-RIO-GRANDENSE (1852-1867).**' 01/10/2012 414 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo Biblioteca Depositária: Unisinos
- 9) FERREIRA, P. **A conquista do Oeste/RBSTV: memória e identidade gaúcha na fronteira oeste brasileira**' 01/12/2012 146 f. Mestrado em História Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA Biblioteca Depositária: Biblioteca Central
- 10) THESING, N. V. **FRONTEIRA, IDENTIDADE, ESSÊNCIA: A BUSCA DAS ORIGENS DO RIO GRANDE DO SUL EM GAÚCHOS E BEDUÍNOS, DE MANOELITO DE ORNELLAS**' 22/04/2015 127 f. Mestrado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Maria

FONTE: Elaborado pela autora (2020).

No que tange à uma maior conexão com as reflexões da pesquisa em desenvolvimento, dentro da produção do conhecimento levantada, sublinham-se as pesquisas de Priscila Ferreira, “A conquista do Oeste/RBSTV: memória e identidade gaúcha na fronteira oeste brasileira” e de Neandro Vieira Thesing, “Fronteira, Identidade, Essência: a busca das origens do Rio Grande do Sul em Gaúchos e Beduínos, de Manoelito de Ornellas”, ambos desenvolvidos através do PPGH/UFSM. A dissertação de Priscila Ferreira analisa como a série de documentários A Conquista do Oeste (RBSTV, 2004) contribui para a consolidação de um projeto de memória que reforça a mitificação da figura do gaúcho na fronteira oeste do país, além de apresentar um capítulo bastante elucidativo acerca dos conceitos de memória,

identidade e fronteira (capítulo 1). O trabalho de Neandro Vieira Thesing, é relevante por abordar a literatura regionalista e as noções e representações na cultura do gauchismo.

2. Festival da Barranca e Problemas da Pesquisa

O Festival da Barranca é o objeto de estudo da tese em desenvolvimento junto ao PPGH-UFSM, na linha e pesquisa Memória e Patrimônio. O evento acontece desde 1972, em São Borja, na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, limite internacional do Brasil com a Argentina. Participam do Festival, além de músicos, poetas e escritores reconhecidos do segmento da música gaúcha, quem for convidado pelo grupo que o promove. As quarenta e oito edições ocorridas até o ano de 2019 sempre foram realizadas durante a semana da Páscoa, em uma encosta às margens do Rio Uruguai ou como se diz por aqueles lados “no barranco”, ou “na barranca do rio”.

Assim como Homi K. Bhabha (1998), entende-se que a cultura é construída e a tradição, inventada. A tradição do Festival da Barranca foi estabelecida pelos usos do passado no decorrer do tempo e durante quase meio século, mesmo que gêneros e estilos artísticos se misturaram e evoluíram o evento mantém o modelo adotado desde a primeira edição, é restrito aos convidados, em média de trezentos ao ano e proíbe a participação das mulheres. Ressalta-se que as obras produzidas durante as edições permanecem inéditas ao final do evento, uma vez que as músicas e as poesias não são registradas em gravações para difusão.

O Festival da Barranca não só é considerado tradicional no estado como também é oficializado no âmbito da patrimonialização municipal e estadual, pois é considerado uma Manifestação de Relevância Cultural do Rio Grande do Sul e integra o Calendário Oficial de Eventos do Estado (Lei 14.850/2016). Em 29 de março de 2018, o prefeito de São Borja assinou a Lei 5.332 que institui o Festival da Barranca como Patrimônio Cultural Imaterial do município e em 21 de maio de 2019, os deputados estaduais do Partido Democrático Trabalhista (PDT), Eduardo Loureiro e Luiz Marengo, protocolaram na Assembleia Legislativa o projeto de lei que declara o Festival da Barranca como integrante do Patrimônio Cultural Imaterial do Rio Grande do Sul.

Tau Golin (1987, p. 129), professor e escritor, que participou de algumas edições do evento, escreve na obra *Por baixo do poncho: contribuição à crítica da cultura gauchesca*, que a Barranca é uma catarse,

Bebe-se enquanto o fígado aguentar; come-se (com condimentos variados), até adquirir o direito de passar a semana seguinte enfasiado e pedinte de sopinhas; canta-se, como se o desafio fosse quem, nesse calhandar-se, não fica afônico. Pouco se dorme. A regra é aproveitar o máximo.

Para o professor (GOLIN, 1897, p. 128), o Festival da Barranca, por ser um “acontecimento ‘fechado’, menos de uma centena de homens passam a ser a referência (**esse estado se corrige, ou as minorias vão estar sempre na ribalta**)” (grifo nosso), e prossegue, pois, mesmo que “contem, revelem, expliquem, para o grande público, o festival está envolto numa mística” (Id., Ibid.). Ainda mais sob à luz de questões trazidas pela contemporaneidade, como a hibridização cultural, as pautas feministas e as ressignificações nas masculinidades, de modo que assim, evidenciamos os problemas da pesquisa: onde se encaixam aqueles que não são representados pela masculinidade? Em tempos de empoderamento feminino, como identificar-se com um espaço ou patrimônio “proibido”? E os patrimônios, que deveriam ser amplos e acessíveis, são para quem?

Neste sentido, a tese previamente intitulada “As Fronteiras do Festival da Barranca (São Borja, RS, Brasil): Gauchismo, Patrimônio Cultural e Relações de Gênero” tem por tema geral o patrimônio cultural no gauchismo, este que de acordo com Maria Eunice Maciel (2005), é entendido como um termo muito genérico que indica “tudo o que se refere ao gaúcho”, tanto como gentílico para sul-rio-grandenses e também para o tipo social e suas implicações na contemporaneidade. O tema da pesquisa é analisado a partir da delimitação do evento Festival da Barranca, na perspectiva de refletir sobre as suas várias fronteiras, sejam elas físicas e/ou simbólicas e para tanto, gauchismo, patrimônio cultural e relações de sociais de gênero foram escolhidas por categorias de análise norteadoras.

3. As muitas fronteiras do Festival da Barranca

3.1. Patrimônio Cultural

Eventos culturais como o Festival da Barranca são (re)definidores de ideários e de pertencimento coletivo, uma vez que neles são vivenciados comportamentos, ideias, símbolos e práticas sociais, enfim, um amálgama que faz parte da formação da cultura de uma determinada sociedade, de modo que influencia e atua na construção do que é tido como patrimônio cultural nestes lados mais meridionais do Brasil.

Na entrada do século XX, a consolidação da república no Brasil trouxe a busca pela definição de uma identidade nacional e nesse ínterim, os regionalismos passam a ser evidenciados. No caso do Rio Grande do Sul, a mística do “centauro dos pampas”, a obra do escritor e jornalista Araújo Porto Alegre, a criação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul - IHGRGS em 1920, a literatura de Simões Lopes Neto e de Dante de Laytano, são as bases para as investidas dos secundaristas Luiz Carlos Barbosa Lessa, João Carlos Dávila Paixão Cortes e Glaucus Saraiva, criarem posteriormente, em 1966, o Movimento

Tradicionalista Gaúcho, o MTG. Para Tau Golin (1983), o tradicionalismo pode até ser inserido dentro da cultura popular, mas é produzido pela elite latifundiária e agropastoril, que por deter potencial de dominação, influencia as manifestações culturais e deste modo, somente representa a realidade de uma minoria oligárquica.

Nas décadas de 1970 e 1980, os festivais nativistas passam a fazer parte da sociedade no Rio Grande do Sul, muito por conta das já citadas iniciativas anteriores. O primeiro dos festivais foi a Califórnia Canção Nativa, cuja edição inicial ocorreu em dezembro de 1971, na cidade de Uruguaiana, distante em torno de duzentos quilômetros de São Borja, município em que ocorre o Festival da Barranca. Inspirados pelo festival pioneiro, Apparício Silva Rillo, José Lewis Bicca, Antonio Augusto Fagundes (Nico Fagundes) e Carlos Castilhos, ou como muitos ouviram deles, “um espírito”, criou/criaram a Barranca.

François Hartog, no texto intitulado *Tempo e patrimônio*, publicado em 2006 no Brasil, reflete sobre o movimento de patrimonialização e o compreende como uma crise de tempo vivenciada pela sociedade contemporânea, e o que resulta disso é um olhar museológico sobre aquilo que nos cerca. Nesta perspectiva o patrimônio “define menos o que se possui, o que se tem e se circunscreve mais ao que somos, sem sabê-lo, ou mesmo sem ter podido saber. O patrimônio se apresenta então como um convite à anamnese coletiva” (HARTOG, 2006, p. 6), porém, como ressalta Hartog, esse apreço pelo passado não reforça uma identidade segura de si, mas uma identidade que arrisca a se apagar ou a ser completamente apagada.

3.2. Gauchismo

Quando acionamos identidades que remetem às tradições do gauchismo, de acordo com Oliven (1992; 92b), não escapamos do arquétipo da campanha gaúcha, localizada na região sudoeste do Rio Grande do Sul e que faz fronteira com o nordeste argentino e com o norte uruguaio, assim como do gaúcho, tipo social humano, habitante típico desta região, e segundo Leal (1992, p.148), “gaúchos são necessariamente homens, e virilidade é condição de ser gaúcho. O gaúcho tem o domínio sobre o selvagem, identificando a si próprio com o selvagem, com a força, com poder e natureza”.

No gauchismo, a ideologia do masculino, do heroico, do galpão e da estância são muito representativos dessa identidade. Trata-se do discurso dominante, o qual manifesta que os usos da memória no presente resultam no fato de que “certas identidades têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, e outras são fortalecidas” (COLLINS, 2016 apud RIBEIRO, 2017, p. 25). O que de acordo com Foucault (2016),

significa que esse discurso é um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois falamos de poder e de controle, “de deixar viver ou de deixar morrer”, no sentido de que a invisibilização, também mata.

Para Guazzelli (2018), a cultura do gauchismo manifesta “um passado em que as mulheres estiveram sempre imiscuídas nas relações sociais de lugares onde predominam imagens de virilidade” (p. 243), como se esse passado se constituísse, conforme apontado por Maciel (2001) numa “garantia de veracidade”, pois é nele que são buscados os elementos que marcarão ou definirão uma dada identidade, de modo que nele “antiguidade” e “autenticidade” muitas vezes, se confundem.

Acerca das pesquisas relacionadas ao gauchismo, para fins de delimitação temática, dá-se especial destaque para Cláudia Pereira Dutra e sua dissertação “A Prenda no Imaginário Tradicionalista”, sobretudo o subcapítulo ‘2.2 A mulher que espera’, assim como para Berenice Bem, **“O gaúcho, a dominação masculina e a educação na fronteira sul-riograndense: o passado no presente”**, a qual afirma que a dominação masculina é herança da família patriarcal e da sociedade androcêntrica que influenciou significativamente a formação social do gaúcho no século XIX, e por sua análise (na região da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai) ainda está presente no século XXI, pelas peculiaridades da região e através da perpetuação do “mito” do gaúcho.

Neste contexto, destaca-se a dissertação de Jocelito Zalla, “O centauro e a pena: Luiz Carlos Barbosa Lessa (1929-2002) e a invenção das tradições gaúchas”, que analisa a trajetória intelectual e a obra de Barbosa para acessar o processo de construção/atualização das representações sociais sobre a figura do gaúcho pampiano e a elaboração de projetos coletivos de identidade regional e de “invenção de tradições” nela baseados, desenvolvidos, principalmente, na segunda metade do século XX. Sublinha-se ainda, o trabalho de Camilla Milder, em “Por Debaxo dos Panos: a construção da imagem da prenda tradicionalista por meio de exposição fotográfica do departamento de tradições gaúchas Noel Guarany”, em que aborda o jogo simbólico de poder, honra, recato, afirmação individual e coletiva existente em torno da prenda.

Jaqueline Domanski, traz a temática da música, dos festivais nativistas no Rio Grande do Sul, com a pesquisa intitulada “Carijo: a cria dos Festivais”. Assim como a dissertação de Eduardo Ferraro, “Transformações culturais no gauchismo através da música” e principalmente, Clarissa Ferreira e a pesquisa de mestrado “Campeirismo musical e os festivais de música nativista do sul do Brasil: a (pós)modernidade (re)construindo o ‘gaúcho de verdade’”.

Clarissa Ferreira, em sua tese “Toca um Jazz no Galpão’: a construção de identidades profissionais e musicais na música independente contemporânea do Rio Grande do Sul”, cujo foco está no estudo de artistas e grupos da cena contemporânea independente do Rio Grande do Sul e que possuem ligação com o regionalismo sul rio-grandense, proporciona uma tentativa de reflexão sobre uma possível epistemologia feminista ao investigar uma cultura musical predominantemente masculina. De modo que assim, percebe-se que há, para além de uma tradicionalidade na manifestação musical, a lacuna de estudos acerca das discussões sobre as relações sociais de gênero no gauchismo e mesmo com os silêncios que envolvem o tema, denota-se a dignidade e importância de falarmos, pesquisarmos e publicizarmos sobre o assunto.

3.3. Gênero

Os espaços de produção de significados, como o galpão e a estância são lugares onde tradicionalmente se elaboram noções do que é ser homem, e sobretudo, do que é ser gaúcho. No folclore da cultura gaúcha, como por exemplo no mito da *Salamanca do Jarau*², fica evidenciada uma sociedade onde a segregação entre o masculino e o feminino tem contornos estruturais. Em suma, na narrativa, a sedutora princesa – salamandra é também uma caverna escura – que devora homens e o homem gaúcho, herói desta história, deve resistir aos vários acontecimentos, todos perigosas, mas ao mesmo tempo, fascinantes (LEAL, 1989: 2009 e 2012).

A violinista e etnomusicóloga Clarissa Ferreira (2016), no texto intitulado *Até quando só eu lírico masculino? Sobre o Festival da Barranca e a proibição de mulheres há 45 anos*, expressa:

Somos excluídas dessa e muitas outras vivências. A nós, mulheres, só nos cabe como nos poemas e músicas gaúchas, esperar em casa e admirar tão grande feito masculino. Apesar de não vivermos mais no século XIX, as ideias ainda permanecem e as situações se repetem. Ainda continuamos a esperar que os homens nos deem licença ou permissão para que possamos

² “Em tempos remotos, na terra dos espanhóis, do outro lado do mar, havia uma cidade chamada Salamanca, onde os mouros eram mestres nas artes da magia e em uma caverna escura eles guardavam uma vara de condão mágica que era também uma fada velha e uma bela princesa moura. Depois de muitas guerras, os mouros, fingindo ser cristãos, vieram para os pampas. A princesa Salamanca, na forma de vara de condão, encontra anhangá-pitã e outras divindades e figuras míticas indígenas e se transforma em teiniaguá, uma salamandra ou uma lagartixa fêmea mítica. A teiniaguá muda sua forma, de bela princesa em salamandra: de uma bela filha de um chefe Guarani em uma serpente. Ela seduz os homens e vive dentro da montanha do Jarau, em uma gruta escura na qual estão guardados tesouros mouros. Os homens aos quais ela seduz entram na caverna, jamais retornam da caverna escura do Jarau. Aos gaúchos que vão ao Jarau ela diz: “eu sou a princesa moura encantada que tem o conhecimento secreto e que faz feliz aos poucos homens que sabem que a alma é um peso entre mandar e ser mandado (...). Os homens temem e me desejam porque eu sou a rosa dos tesouros escondidos dentro da casa do mundo.” (cf. LOPES NETO, 2011 [1912]).

nos expressar. A liberdade da mulher, o direito de ir e vir feminino nas veredas da música gaúcha só vai ainda até onde os homens permitem.

Em 2017, Shana Müller, cantora e apresentadora do programa Galpão Crioulo, exibido pela RBS TV, filial da Rede Globo, escreve para o site do programa um ensaio onde reflete sobre o texto de Clarissa Ferreira e as denúncias de assédio no meio televisivo, dentre os vários desabafos, expressa: “não faz muito que tomamos mate no galpão e deixamos a cozinha” e sentencia, “não sou china, nem égua, nem quero que o velho goste”³.

Clarissa Ferreira, no ano de 2018, publica em seu canal no YouTube, chamado *Gauchismo Líquido*, a canção *Manifesto Líquido*⁴, onde aborda as questões feministas dentro da cultura do gauchismo.

eu que me renda
desse destino de prenda
contemporânea gueixa gaucha
dar-se feito oferenda
contam em mito e lenda
argumentos que repreenda
numa tapera ou casca
onde o espaço compreenda
a essência do cair da lágrima
consentem ser matéria prima
terços, costuras, rendas
donas de esperas
tudo que oprima
aquele ingênuo protótipo campesina
livres galopam centauros
não há atenção que se prenda
(como no olhar da Salamanca pela fenda)
nesse mito ocidental cansado de um caubói,
um “gaucho” ou um cossaco semi bárbaro
anti intelectual
mais dos mesmos arquétipos
estilo patriarcal
os anos (re)inventam verdades
o tempo modifica os cultos
mantêm fôrmas de vaidades
antigo dogma oculto
defendido como tradicional
opressores oprimindo doma (ir)racional
simbólicas atrocidades
inventando adjetivos
tendo prenda como regalo
suprimento narcísico do peão
dona de um corpo não seu
sem discussão
que hoje se narra
dispensa homenagens de autopromoção

³ Disponível em: <https://gshow.globo.com/RBS-TV-RS/Galpao-Crioulo/Extras-Galpao-Crioulo/noticia/posteira-nao-sou-china-nem-egua-e-nem-quero-que-o-velho-goste.ghtml> Acesso: 10 jun. 2019.

⁴ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=H17vxkapfHI> Acesso em: 01 mai. 2019.

interesseira confissão
romântica agressão
harmonizada dominação
simbólica submissão
trocadilhos de coisificação
prenda tem voz!
conteúdo que adenda
cerne que acenda
sapiência que não omito
trago e evoco noutra mito
medo masculino antigo
deusa Métis intuição!

“Atualmente eu defino minha música como um pós-gauchismo. Acho que é uma apropriação dessa música [gauchesca], afinal, eu também faço parte dela, também quero falar sobre ela. Também quero tocar milonga e chacareira⁵.” (FERREIRA, 2019). Conforme Djamilia Ribeiro (2017), quando nos referimos a lugar de fala, falamos de *locus social*, ou seja, de localização social, daí a importância de acreditar na quebra do silêncio instituído e de questionar os limites da representação, bem como de criar espaços de autorrepresentação, e sobretudo, lugares de enunciação e cumplicidade. Pois falar significa, para além de emitir palavras, poder existir.

Como Spivak (2010), perguntamos: “Mas quem poderia falar, então?” A historiadora também reflete que o postulado do subalterno evidencia um lugar silenciado, mas, como observa, será que esse silêncio nunca é rompido? Às vezes, a “experiência afetiva da marginalidade social” (BHABHA, 1998) provoca o “rompimento anárquico da sentença” (Idem, *Ibidem*) o que causa “ruídos e rachaduras na narrativa hegemônica” (KILOMBA, 2010), capazes de desestabilizar a norma.

Normalizamos palavras e imagens que nos informam quem pode representar a condição humana e quem não pode. A linguagem também é transporte de violência, por isso precisamos criar novos formatos e narrativas. Essa desobediência poética é descolonizar⁶.

Nesse ínterim, é relevante considerar os trabalhos de Luis Orestes Pacheco Antunes, que desenvolveu uma dissertação na área da Educação intitulada “Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade”, em que percebe o tradicionalismo como uma pedagogia de masculinização da identidade gaúcha. Nara Rubert, pesquisadora das Letras, produziu o trabalho “Em que espécie de Homem o gaúcho se transformou? (o regionalismo nos contos

⁵ Disponível em: <http://www.nonada.com.br/2019/04/clarissa-ferreira-contestando-o-gauchismo-para-pensar-uma-nova-linguagem/> Acesso: 12 mai. 2020.

⁶ Entrevista concedida por Grada Kilomba ao Jornal El País, por ocasião da exposição que a multiartista, escritora e doutora em filosofia, realizou na Pinacoteca de São Paulo em 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138_634355.html Acesso: 20 jul. 2020.

gaúchos do Século XX)”, onde aborda o que é regionalismo e regionalismo na fronteira. Também em outra área de estudo, neste caso na Geografia, há a pesquisa de Edipo Georgen, “Homossexualidades na Territorialidade Gaúcha”, da qual se depreende que os territórios tradicionalistas são núcleos difusores de concepções identitárias conservadoras, machistas e heteronormativas.

4. Algumas considerações

A partir das reflexões em torno da ideia de fronteira como categoria de análise, seja enquanto conceito e/ou metáfora, na busca por responder as perguntas previamente estabelecidas, a pesquisa em desenvolvimento tem demonstrado que no recorte espaço-tempo estabelecido, há grupos que não se sentem representados pela masculinidade. Também evidencia que em tempos de empoderamento feminino, é no mínimo capciosa a identificação com um lugar ou patrimônio “proibido” e finalmente, mas não menos importante, que os patrimônios, os quais deveriam ser amplos e acessíveis, os são apenas para alguns.

A cultura tem por condição *sine qua non* ser produção irregular e incompleta, ademais de que, no contexto em análise, o anacronismo do mito e a figura desistorizada do outro, tornam a cultura, por vezes, desconfortável. Ainda mais quando ocorre a institucionalização dessa cultura como representativa através dos patrimônios oficializados, os quais deveriam tentar contemplar o maior número de pessoas e não privilegiar discursos uníssonos. Como Foucault (2016) e Ribeiro (2017), entende-se que é fundamental pensar a existência de um sistema de poder que inviabiliza, impede e invalida os saberes produzidos por grupos subalternizados.

É *mister* tomar o patrimônio como uma arena de acordos, conflitos de valores, avaliações e proposições, que explicitem que ele é, além de uma construção social, uma prática eminentemente política. Diante disso, pensar **para quem** é o patrimônio, mesmo em meio às lembranças e aos esquecimentos que o transpõem, se constitui numa maneira de exercitar a democracia e a compreensão que há uma pluralidade de narrativas identitárias que fazem parte da nação.

Referências

BHABHA, H. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CANCLINI, N. G. O Patrimônio Cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico*, Rio de Janeiro: IPHAN, n.º 23, 1994.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2016.

GOLIN, Tau. *A ideologia do Gauchismo*. Porto Alegre: Tchê, 1983.

GUAZZELLI, C. As muitas fronteiras do Cerro do Jarau. *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo/RS, v. 18, n. 2, maio/ago. 2018, p. 229-246.

HOBBSBAWM, E. e RANGER, T. *A Invenção das Tradições*. Tradução de Celina Cavalcante – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KILOMBA, G. *Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism*. Münster: Unrast Verlag, 2010. Disponível em:
<https://archive.org/details/PlantationMemoriesEpisodesGradaKilomba/page/n111/mode/2up>
Acesso em: 25 jul. 2020.

LEAL, O. F. *The Gauchos: male culture and identity in the Pampas*. Tese de Antropologia, Department of Anthropology, University of California, Berkeley, 1989.

LEAL, O. F. Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha. In: TEIXEIRA, Sérgio Alves. ORO, Ari Pedro. (orgs). *Brasil e França: Ensaios de Antropologia Social*. PPGAS - UFRGS, n. 6. 1992.

LEAL, O. F. A atualidade do mito. *Revista Norte: livros, artes e ideias*, Porto Alegre, dezembro, 2009, p. 33-39.

LEAL, O. F.. Identidade Cultural e Identidade de Gênero em uma narrativa mítica: quando sergaúcho é ser homem. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 43, n. 1, jan/jun, 2012, p. 43-49.

LOPES NETO, J. S. *Contos Gauchescos; Lendas do Sul*. [1912]. Porto Alegre: L&PM, 2011.

MACIEL, M. E. S. Memória, Tradição e Tradicionalismo. In: *Memória e (res) sentimento, indagações sobre uma questão sensível*. Stella Bresciani e Márcia Naxara (org.). Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

MACIEL, M. E. S. Patrimônio, tradição e tradicionalismo: o caso do gauchismo no Rio Grande do Sul. *Mneme: revista de humanidades*. Natal, RN. Vol. 7, n. 18 (out./nov. 2005), p. 1-20.

MARTINS, R. C. Fronteira, Referencialidade e Visibilidade. *Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS Edição Especial, n 1 p. 7-19. 2000.

OLIVEN, R. G. *A Parte e o Todo*. Petrópolis: Vozes, 1992.

OLIVEN, R. G. A Polêmica da Identidade Gaúcha. *Cadernos de Antropologia*, n. 04, UFRGS, 1992b.

PICCOLO, H. “Nós e os outros”: conflitos e interesses num espaço fronteiro (1828-1852). In: *SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA (SBPH)*, Anais da XVII Reunião, São Paulo, 1997.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SPIVAK, G. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: EDUFMG, 2010.

La Frontera como categoría de análisis: el caso del Festival da Barranca

Resumen

Este texto se refiere a las reflexiones socializadas en la primera edición del “Seminário Integrador”, celebrado por Unipampa/Campus Jaguarão e IFRS/Campus Bento Gonçalves, en diciembre de 2020 y proceden de la investigación en curso para la tesis doctoral previamente titulada "Las fronteras del Festival da Barranca (São Borja, RS, Brasil): Gauchismo, Patrimonio Cultural y Relaciones de Género", vinculada a el PPGH/UFSM, en la que buscamos pensar en la frontera como una categoría de análisis, tanto en su enfoque conceptual como metafórico. Las observaciones sobre el objeto de estudio plantean preguntas sobre los límites del Festival da Barranca con respecto al patrimonio cultural, el gauchismo y las relaciones sociales de género, ya que se pretende entender: ¿dónde encajan los que no están representados por la masculinidad? En tiempos de empoderamiento femenino, ¿cómo identificarse con un espacio o patrimonio "prohibido"? Y los patrimonios, que deberían ser amplios y asequibles, son para quién?

Palabras clave: Frontera; Festival da Barranca; Patrimonio Cultural; Gauchismo; Género.

La frontière comme catégorie d'analyse : le cas du Festival da Barranca

Résumé

Ce texte concerne les réflexions socialisées dans la première édition du “Seminário Integrador”, organisé par Unipampa/Campus Jaguarão et par IFRS/Campus Bento Gonçalves, en décembre 2020 et découlent de la recherche en cours pour la thèse de doctorat précédemment intitulée "Les frontières du Festival Barranca (São Borja, RS, Brasil): Gauchisme, Patrimoine Culturel et Relations de Genre", lié au PPGH/UFSM, qui cherche à penser la frontière comme une catégorie d'analyse, à la fois dans son approche conceptuelle et métaphorique. Les observations sur l'objet d'étude soulèvent des questions sur les limites du Festival da Barranca en ce qui concerne le patrimoine culturel, le gauchisme et les relations sociales de genre, car il vise à comprendre: où se situent ceux qui ne sont pas représentés par la masculinité? A l'heure de l'empowerment féminin, comment s'identifier à un espace ou à un patrimoine "interdit"? Et les atouts, qui doivent être amples et accessibles, sont-ils pour qui?

Mots clés: Frontière, Festival da Barranca; Patrimoine Culturel; Gauchisme; Genre.

The Frontier as a category of analysis: the case of the Festival da Barranca

Abstract

This text concerns the reflections socialized in the first edition of the “Seminário Integrador”, held by Unipampa/Campus Jaguarão and IFRS/Campus Bento Gonçalves, in December 2020 and come from the ongoing research for the doctoral thesis previously entitled "The Borders of the Festival da Barranca (São Borja, RS, Brazil): Gauchism, Cultural Heritage and Gender Relations", linked to the PPGH/UFSM, in which we seek to think of the frontier as a category of analysis, both in its conceptual and metaphorical approach. The observations about the object of study raise questions regarding the boundaries of the Barranca Festival with regard to cultural heritage, Gauchism and gender social relations, since it is intended to understand: where do those who are not represented by masculinity fit? In times of female empowerment, how to identify yourself with a "forbidden" space or heritage? And the assets, which should be broad and affordable, are for whom?

Keywords: Frontier; Festival da Barranca; Cultural Heritage; Gauchism; Gender.